

# Jornal de Pediatria

www.jpmed.com.br



## Reporte Semanal

Nº 10 • 2026

### Neonatal mortality trends in the 21st century: findings from the Global Burden of Disease Study 2021

Gu D, Zheng X, Zhou Y, Tan F, Gui R, Wei L, et al. *J Pediatr (Rio J)*. 2026;102(2):101519.  
DOI: 10.1016/j.jpmed.2026.101519

Comentado por: Profa. Dra. Aurimery Gomes Chermont

*Professora Titular da Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Pará*

Os autores analisam a evolução da mortalidade neonatal global entre 2000 e 2021, utilizando dados do Global Burden of Disease Study 2021 e destacam que, apesar da taxa global ter diminuído de forma consistente (queda média anual de 2,1%), o número absoluto de mortes permanece elevado: 2,19 milhões de recém-nascidos morreram em 2021. Na análise observou-se que as desigualdades persistem e que os países de baixa renda, especialmente na África Subsaariana, ainda apresentam taxas muito superiores às de regiões de alta renda. Em 2021, a mortalidade variou de 0,61 por mil nascidos vivos (Andorra) a 55,35 por mil (Sudão do Sul). Do total de países avaliados, apenas 58,8% alcançaram a meta do ODS 3.2 (12 ou menos mortes por mil nascidos vivos). Os autores também identificaram uma forte correlação negativa entre mortalidade neonatal e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), reforçando o peso dos determinantes sociais. Nesse contexto, as principais causas de morte permaneceram relativamente estáveis: distúrbios neonatais (prematuridade e asfixia), malformações congênitas e infecções. Contudo, algumas regiões de alta renda apresentaram aumento inesperado em causas infecciosas específicas, como infecções sexualmente transmissíveis e diarreia – fenômeno que os autores sugerem estar ligado a melhorias diagnósticas, mudanças demográficas maternas e resistência antimicrobiana. Assim, o estudo identifica pontos de inflexão nas tendências globais em 2011 e 2017, sugerindo que os avanços iniciais – impulsionados por intervenções básicas como assistência ao parto e imunização – deram lugar a desafios mais complexos, como prematuridade e anomalias congênitas, que exigem sistemas de saúde mais especializados. Em síntese, o artigo evidencia um progresso significativo, porém insuficiente, com grandes disparidades regionais e causas de morte que exigem abordagens diferenciadas. Os autores concluem que reduzir ainda mais a mortalidade neonatal depende tanto de intervenções biomédicas específicas quanto de melhorias estruturais no desenvolvimento socioeconômico.

**Para mais informações, leia o [artigo](#) na íntegra**

**Leia este e outros reportes no [site da SBP](#)**